

A RELAÇÃO ENTRE A FALA E A ESCRITA

Lígia Gonçalves Alves¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a relação entre a fala e a escrita, que por muito tempo foram consideradas como opostas à língua. Optou-se pela pesquisa bibliográfica baseada nas contribuições de autores como MARCUSCHI (2005) e (2007), ZUMTHOR (2005) e SOARES (1998), entre outros, procurando ressaltar suas especificidades e relações. Concluiu-se que a fala e a escrita são práticas complementares, sendo assim, não podemos dar primazia a uma em detrimento da outra. Tais práticas devem ser consideradas por suas contribuições e correlação, analisadas na perspectiva de uso e não de sistema. Refletiremos sobre esse tema discutido por muitos estudiosos ao longo dos anos. A fala e a escrita possuem suas especificidades; a escrita não consegue reproduzir alguns fenômenos que a fala representa e a fala não consegue apresentar elementos da escrita. Tendo em vista essas observações, uma não pode ser considerada como sendo superior à outra, e em alguns meios de comunicação teremos as marcas tanto da fala quanto da escrita.

PALAVRAS-CHAVE: fala. escrita. correlação.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the relationship between speech and writing, which for a long time were considered as opposed to language. We chose bibliographic research based on the contributions of authors such as MARCUSCHI (2005) and (2007), ZUMTHOR (2005) and SOARES (1998), among others, seeking to highlight their specificities and relationships. It was concluded that speech and writing are complementary practices, and thus we cannot give primacy to one to the detriment of the other. Such practices should be considered for their contributions and correlation, analyzed from the perspective of use and not system. We will reflect on this topic discussed by many scholars over the years. Speech and writing have their specificities; writing cannot reproduce some phenomena that speech represents and speech cannot present elements of writing. In view of these observations, one cannot be considered to be superior to the other and in some media we will have the marks of both speech and writing.

KEY WORDS: speech. writing. correlation.

¹ Artigo originalmente apresentado como trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Candido Mendes.

Graduada em Letras- Licenciatura em Português e Literaturas pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e Professora do Ensino Fundamental do Colégio e Curso Pensi.

Introdução

Procura-se mostrar no presente trabalho a relação existente entre a fala e a escrita, tendo em vista que por muito tempo foram consideradas como práticas opostas da língua.

Muitos trabalhos foram sendo desenvolvidos sobre fala e escrita ao longo dos anos, como por exemplo monografias, estudos e trabalhos realizados por grupos de pesquisas e nesse artigo consideramos importante fazer alguns apontamentos e reflexões sobre o tema proposto para os estudos da língua.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se como recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica, fundamentada nas ideias e concepções de autores como: MARCUSCHI (2005), ZUMTHOR (2005), SOARES (1998) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL,1998).

Segundo Marcuschi,

a língua é uma prática social que produz e organiza as formas de vida, as formas de ação e as formas de conhecimento. Ela nos torna singulares no reino animal, na medida em que nos permite cooperar intencionalmente, e não apenas por instinto. Mais do que um comportamento individual, ela é atividade conjunta e trabalho coletivo, contribuindo de maneira decisiva para a formação de identidades sociais e individuais. (MARCUSCHI, 2005, p. 14)

E ainda:

Tendo em vista o trabalho com a língua em sala de aula, sabemos que é como língua escrita que ela é ali mais estudada, mas é como língua oral que se dá seu uso mais comum no dia-a-dia. Além disso, a criança, o jovem ou o adulto já sabe falar com propriedade e eficiência comunicativa sua língua materna quando entra na escola, e sua fala influencia a escrita, sobretudo no período inicial da alfabetização, já que a fala tem modos próprios de organizar, desenvolver e manter as atividades discursivas. (idem, ibidem)

Os gêneros orais estão presentes nos mais variados tipos de interação. Antes do surgimento da escrita, os conhecimentos eram transmitidos oralmente. A cultura oral tinha como recurso a memória auditiva e visual e assim a cultura era repassada de geração a geração, como exemplo disso temos as lendas, as cantigas, entre outros.

Marcuschi nos apresenta o cuidado que devemos ter sobre a questão da distinção entre a fala e escrita, pois não se deve considerar a fala como o lugar do erro e nem a escrita como o lugar da norma.

As mudanças que ocorreram a partir da década de 1980 trouxeram uma nova forma de conceber a linguagem, levando a uma nova maneira de se perceber a oralidade e o letramento.

Marcuschi evidencia que não podemos considerar uma modalidade como sendo superior à outra, pois cada modalidade tem a sua especificidade e seu uso.

Os poemas narrativos- medieval são o exemplo das especificidades que a oralidade traz em seu bojo, como exemplo temos a entonação da voz, a performance, a expressão facial e corporal.

Outro apontamento feito nesse trabalho é a questão das comunicações escritas por meio dos bate-papos pela internet, a escrita com marcas de oralidade, os usuários escrevem assim como falam, com abreviações, letras maiúsculas e vários sinais de pontuação, “uma nova forma de nos relacionarmos com a escrita, mas não propriamente uma nova forma de escrita”. (2005, p. 18).

Em seguida há uma diferenciação entre a alfabetização e letramento tendo como base os conceitos de Magda Soares, que considera o letramento, como resultado da leitura e da escrita, contribuindo assim para a relação da escrita e da fala, reforçando a ideia de que são modalidades que se complementam e contribuem no processo de formação do sujeito leitor.

E também segundo Marcuschi:

Considerava-se a relação oralidade e letramento como dicotômica, atribuindo-se à escrita valores cognitivos intrínsecos no uso da língua, não se vendo nelas duas práticas sociais. Hoje [...] predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais. (MARCUSCHI, 2005, p.16)

A tradição oral tem primazia cronológica sobre a escrita e mesmo que em algumas sociedades prestigiem uma mais que à outra, ambas possuem importância no contexto de práticas sociais e devem caminhar juntas para se estabelecer a comunicação e o processo de leitura dos indivíduos.

Desenvolvimento

Por muito tempo a fala e a escrita foram consideradas práticas opostas da língua, sendo uma sobreposta à outra. Segundo Luiz Antônio Marcuschi:

Às vezes serão também usadas as expressões “língua falada” e “língua escrita”, mas, como não se trata de duas línguas, preferimos deixar de lado essas expressões, que podem ser usadas desde que se tenha claro que não são duas línguas, e sim dois modos de representação da mesma língua, embora cada um dos dois modos tenha uma história própria[.] (MARCUSCHI, 2005, p. 32)

Constata-se hoje que, tanto em termos de usos como de características lingüísticas, fala e escrita mantêm relações muito mais próximas do que se admitia então. Surgiu uma visão que permite observar a fala e a escrita mais em suas relações de semelhança do que de diferença em certa mistura de gêneros e estilos, evitando as dicotomias em sentido estrito. (MARCUSCHI, 2005, p. 58)

Para Marcuschi a fala e a escrita têm muito mais semelhanças do que diferenças em termos de uso e em aspectos lingüísticos:

[...] fala e escrita são realizações de um mesmo sistema lingüístico de base, mas com realização, história e representação próprias. Fala e escrita apresentam muitas semelhanças e algumas diferenças.

Devemos, portanto, evitar a dicotomia apresentada no quadro abaixo:

Fala	Escrita
contextualizada	descontextualizada
implícita	explícita
concreta	abstrata
redundante	condensada
não-planejada	planejada
imprecisa	precisa
fragmentária	integrada

Quadro 1- Dicotomias estritas. Fonte: Marcuschi (2005, p. 28)

Marcuschi considera que é necessário cautela no tratamento dessas dicotomias, pois ao realizar a distinção entre a fala e a escrita há um problema em considerar a fala como sendo o lugar da espontaneidade e do erro em oposição à escrita que seria o lugar “da norma e do bom uso” (Marcuschi, 2005).

A partir dos anos 80 os estudos da linguagem passaram por algumas mudanças, a escrita ganhou certo empoderamento por ser uma forma de registro das atividades sociais de

letramento e por outro lado o sujeito também foi caracterizado pela fala. Apesar disso não podemos considerar uma modalidade como superior à outra.

Atualmente dispomos de alguns estudos e pesquisas mais detalhados, onde a oralidade e a escrita “são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia” (MARCUSCHI, 2005, P.17).

E ainda segundo Marcuschi:

Sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve. Entretanto, isto não significa que a oralidade seja superior à escrita, nem traduz a convicção, hoje tão generalizada quanto equivocada, de que a escrita é derivada e a fala é primária. A escrita não pode ser tida como uma representação da fala (idem, p. 18)

Paul Zumthor (2005), destaca que os poemas eram lidos lentamente e em voz alta, as palavras nem sempre eram marcadas e não havia pontuação. A voz então prevalecia sobre a escrita. Mesmo se considerarmos a questão de que o homem fala mais do que escreve, ainda assim, não poderíamos considerar a oralidade como sendo superior à escrita, nem muito menos que a escrita seria a representação da fala, pois como coloca Marcuschi:

a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo de letras, cores e formatos, elementos pictóricos, que operam como gestos, mímica e prosódia graficamente representados. (MARCUSCHI, 2005b, p. 17)

Endossando essa questão de que não conseguimos transportar elementos próprios da oralidade para a escrita Paul Zumthor nos apresenta a *performance*, pois ao “cantilarem” a canção de gesta, que eram os poemas narrativo - medieval “ um homem fisicamente presente, um intérprete que adotava um certo tom de voz, acompanhava-a por certas mímicas, dirigindo-se aos olhos e aos ouvidos de seu público.” (ZUMTHOR, 2005, p. 104).

Outra questão bem interessante apontada por Marcuschi é a questão das comunicações escritas, produzidas em bate-papos, pela internet. Ele chega a caracterizar esse tipo de comunicação como um “entrecruzamento de fala e escrita”. (2005b, p. 18) Até porque, os indivíduos que utilizam este meio de comunicação, escrevem como se estivessem falando, ou

seja, os sons da fala são reproduzidos na escrita; cada um escreve exatamente como se fala. Essa forma de escrever é caracterizada como “uma nova forma de nos relacionarmos com a escrita, mas não propriamente uma nova forma de escrita”. (2005, p. 18).

E ainda segundo Marcuschi podemos observar cada vez mais as relações entre a fala e a escrita:

o caso da notícia de um telejornal que só aparece na forma falada, mas é a leitura de um texto escrito. Trata-se de uma oralização da escrita, e não de língua oral. Ou então a publicação de entrevistas em revistas e jornais que originalmente foram produzidas na forma oral, mas só nos chegaram pela escrita (MARCUSCHI, 2005, p. 17)

Exemplo disso são os internetês- a linguagem utilizada nas variadas redes sociais- como por exemplo “ as letras vc para representar a palavra você, palavras escritas com letras maiúsculas para chamar a atenção do outro em uma conversa “ RESPONDE, ESTOU HÁ MEIA HORA PERGUNTANDO”- representando um grito, ou um tom de voz mais alto- vários sinais de pontuação para dar ênfase ao que está sendo dito “ Tem certeza que você deseja mesmo sair nessa chuva????????????” e a repetição de letras em algumas palavras: “Amiga, ele é muito liiiiiiiiindo!” – para intensificar o que está sendo dito.

Há também o envolvimento e a participação do leitor e do ouvinte quanto à questão da oralidade, como por exemplo, a relação professor e aluno, verificamos a partir da vivência em sala de aula, que esse envolvimento é maior, porque através dos olhares, das expressões, o aluno demonstra conhecimento do assunto, surpresa, insegurança, diferentemente de quando enviamos um e-mail ou conversamos pelo *messenger*. Marcuschi caracteriza esse modo de comunicação como contendo marcas da oralidade e da escrita:

[...] temos um modo de comunicação com características típicas da oralidade e da escrita, constituindo-se, esse gênero comunicativo, como um texto misto, situado no entrecruzamento de fala e escrita. Assim, algumas das propriedades até há pouco atribuídas com exclusividade à fala, tal como a simultaneidade temporal, já são tecnologicamente possíveis na prática da escrita à distância, com o uso do computador. Esse “escrever” tem até uma designação própria: “teclar”; tal é a consciência da “novidade”. No meu entender a mudança mais notável aqui não diz respeito às formas textuais em si, mas sim à nossa relação com a escrita. [...] é uma nova forma de se relacionarmos com a escrita, mas não propriamente uma nova forma de escrita (MARCUSCHI, 2005, p. 18).

Tanto a oralidade como a escrita têm as suas especificidades e elementos próprios, que o fazem significativos. Talvez a primazia que se dá a uma e a outra exista, porque “a escrita (enquanto manifestação formal do letramento, de onde surge a questão equivocada entre alfabetização e escolaridade), em sua faceta institucional é adquirida em contextos formais: na

escola” e “a fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia” e ainda citando Marcuschi:

A fala seria uma forma de produção textual discursiva-oral, sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. A escrita seria, além de uma tecnologia de representação abstrata da própria fala, um modo de produção textual-discursiva com suas próprias especificidades. (MARCUSCHI, 2005, p. 128)

Para alguns autores fazer uso da língua requer uma habilidade maior do que saber ler e escrever, o sujeito precisa dominar essas práticas da língua, conforme afirma Magda Soares:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES 1998, p.39,40)

letramento - processo mais geral que designa as habilidades de ler e escrever diretamente envolvidas no uso da escrita como tal. É a prática da escrita desde um mínimo a um máximo. Diz respeito a fenômenos relativos à escrita como prática social. A alfabetização - processo de letramento em contextos formais de ensino, ou seja, por um processo de escolarização mantido pelo governo ou pelo setor privado, mas organizado em séries e sistematizado. (MARCUSCHI, 2005, p. 33)

Diferencia-se assim alfabetização de letramento, o indivíduo letrado segundo a citação acima domina as práticas sociais de leitura e escrita. Uma pessoa pode ser letrada, sem ter frequentado um ambiente escolar, teríamos assim um letramento não institucional. O letramento é considerado o resultado da leitura e escrita, podendo ser considerado junto à oralidade uma peça importante para o desenvolvimento do indivíduo.

Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) recomendam o ensino da língua oral:

Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apóiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas (exposição, relatório de experiência, entrevista, debate, etc.) e também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo (debate, teatro, palestra, entrevista, etc.). (BRASIL, 1998, p. 67,68)

Vale destacar que os PCNs a partir dos anos 90 deram destaque a questão da oralidade e dos gêneros, que defendem a necessidade de estudarmos as questões relacionadas a oralidade.

A escola não ensina o aluno a falar, mas a adequar sua fala às diferentes situações, seja numa reivindicação pelo telefone, seja numa conversa diária, num seminário, numa palestra, etc. Para Marcuschi, “não se trata de ensinar a falar. Trata-se de identificar a imensa riqueza e variedade de usos da língua”. (2005a, p. 24).

“Todos os povos têm ou tiveram uma tradição oral, fazendo com que a oralidade tenha uma primazia cronológica indiscutível sobre a escrita. (MARCUSCHI, 2005b, p. 17).

A oralidade e a escrita caminham juntas, mesmo que em algumas sociedades e culturas uma seja mais prestigiada do que a outra. Ambas possuem grande importância na vida do indivíduo. A escrita é importante, pelo fato de conservar dados importantes e históricos, podendo ser utilizada para que estes permaneçam cada vez mais firmes e concretos.

A oralidade também possui importância, para que estes mesmos dados possam ser recontados através da leitura ou diretamente ligados ao ponto de vista de quem fala, de forma resumida, contando com toda a questão da performance, da entonação vocal, entre outros. “A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa” (MARCUSCHI, 2005, p. 36)

Marcuschi ainda infere sobre o uso da fala e da escrita, presentes em nosso cotidiano, desde quando acordamos:

[...] toda nossa atividade discursiva situa-se, grosso modo, no contexto da fala ou da escrita. Basta observar nossa vida diária desde que acordamos até o final do dia para constatar que falamos com nossos familiares, amigos ou desconhecidos, contamos histórias, piadas, telefonamos, comentamos notícias, fofocamos, cantamos. (MARCUSCHI, 2005, p. 13)

[...] eventualmente, organizamos listas de compras, escrevemos bilhetes e cartas, fazemos anotações, redigimos atas de reuniões de condomínio, preenchemos formulários e assim por diante. Portanto, mesmo vivendo numa sociedade em que a escrita entrou de forma bastante generalizada, continuamos falando mais do que escrevendo. (MARCUSCHI, 2005, p. 14)

Conclusão

Observamos ao longo desse trabalho que a fala e a escrita mesmo distintas em alguns quesitos, não podem ser tidas como dois sistemas nem como uma dicotomia e nem pode haver

a supervalorização de uma e a desvalorização de outra. Em alguns contextos, a fala será um pouco mais utilizada do que a escrita - como nos seminários e palestras.

Inferimos também que não podemos dar primazia à fala e inferiorizar a escrita e vice-versa, antes precisamos perceber a importância que cada um cada uma exerce na sociedade, com suas especificidades, seus usos e como estão interligadas.

Os grandes exemplos dessa dependência são: os seminários, as palestras, as peças de teatro, o sarau de poemas, entre outros, em que geralmente elaboramos e registramos através da escrita para depois apresentarmos oralmente.

A partir da reflexão que fizemos durante esse artigo, parafraseio Marcuschi que a escola e toda a sociedade precisam se livrar de alguns mitos referentes à oralidade e a escrita (MARCUSCHI, 2005b, p. 24) e “com a hipótese forte, a suposição de que as diferenças entre fala e escrita podem ser frutiferamente vistas e analisadas na perspectiva do *uso* e não do *sistema*.” (idem, p. 43)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARCUSCHI, Luiz Antônio. In DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. Orgs. **Gêneros textuais e ensino**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lucerna , 2005

MARCUSHI, L. A. **Oralidade e Letramento**. In: **Da fala para a escrita – atividades de retextualização**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento um tema em três gêneros**. Editora Autêntica, 1998.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. Trad. de Amálio Pinheiro; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005